

João Gaspar Simões

Um guardador de Pessoa

Jorge Listopad

(Uma das calçadas amenas e escondidas de Lisboa. Casas de um lado. Do outro lado, um muro, por detrás do muro, só de cima de um andar se vêem os «jardins suspensos» das Necessidades.)

Abre João Gaspar Simões. Sala com janelas rasgadas, fora, Novembro à tarde. O fotógrafo prepara-se. Dispara sem parar.)

— Parece a campanha eleitoral, sorri. Deixa-se fotografar com gosto, habituado agora aos repórteres e às televisões estrangeiras, ele na função do tutor de Pessoa.

— Bati à sua porta também por causa do poeta, claro. O JL faz um dossier especial e eu não quis que saísse sem si.

— Não tenho grandes coisas a dizer. Agora estive no Brasil e lá fui completamente despejado.

— Também já expliquei isso na reunião da redacção: Gaspar Simões já disse e escreveu tudo sobre Pessoa. O que interessava era outra coisa. Tenho duas ou três outras perguntas.

— Avance.

— Como sabe, agora Pessoa é uma espécie de montanha mágica. Criou-se uma mitologia. O que pensa disso.

— Concorro. Quando estive no Brasil disse que parecia o túmulo de Sto. António que já estava um pouco gasto. As pessoas só querem tocar no túmulo. Não sou é tão bonito como o Sto. António.

— Não lhe é desagradável?

— Começa a incomodar-me.

— É o pai de Fernando Pessoa. Sem si, atrasar-se-ia o fenómeno 20 ou 30 anos.

— A culpa é da época. Há agora uma mitificação necessária: época de ausência de vitalidade criadora e a proliferação do espírito crítico absorve o espírito de Fernando Pessoa, não por ele, mas por necessidade que essa crítica tem de se defender — por falta de substância — utilizando-o para desenvolver esse espírito crítico.

Esta expansão dos universitários que deixaram passar Pessoa, Sá-Carneiro e tanta gente e que agora estão constantemente a servirem-se deles para desenvolverem as suas teses, é um mau serviço prestado a Fernando Pessoa — e aos outros — pois são esvaziados dos seus conteúdos mais importantes graças a essa bicharada que vive alimentando-se dos restos mortais.

(Porque não gosto de fazer entrevistas? Além de outras razões, às vezes desligo-me das palavras e observo a linguagem das mãos, ou ouço outra música, subjectiva, atrás das palavras da verdade discursiva; agora imagino, por exemplo, esta vasta casa habitada no



seu dia-a-dia pelo papel pintado, pelo ler, pelo escrever, o sair para o almoço, pelo ler, pelo escrever... Mas talvez me engane. J.G.S. fala-me das Amoreiras, das casas de teatro, sai, pois, da sua toca. Ri-se. Sabe rir. Perdi-me, desculpem.)

— Foi aqui que redigiu o seu Fernando Pessoa?

— Não, a minha primeira edição escrevi-a em Cascais em 48-50. A segunda edição reescrevi-a sem lhe alterar a substância, aqui. A primeira edição levou 20 anos a esgotar, a segunda edição, um ano. Mudanças entre os anos 50 e 70. A quarta edição contém as cartas a Ofélia. Mas na essência é a mesma coisa.

Já me perguntaram se eu voltasse a escrever modificava alguma coisa. Não. Em 1930 escrevi o primeiro ensaio sobre ele. As Vozes da Inocência, mas ainda antes disso, em 1929, publiquei na Águia um artigo — foi Luís Amaro que me lembrou — onde anunciava que F.P., então desconhecido, viria a ser muito conhecido 20 ou 30 anos mais tarde.

(J.G.S. levanta-se, levemente, e foi logo buscar o livro onde republicou o texto. Dez mil volumes? Mais? As paredes não são paredes, a cozinha não é cozinha. Copio o texto de 1929.)

«Fernando Pessoa é sem dúvida, em Portugal, um escritor cuja obra só dentro de vinte anos será devidamente admirada e compreendida! Até lá, permita-me, Fernando Pessoa, que eu, obscuro e jovem lhe ofereça esta tentativa, por certo infeliz, duma compreensão e duma admiração infinitamente maiores do que parecem.»

— A isso se chama profecia. Gosto sobretudo do seu ponto de exclamação que, creio, raramente utiliza.

— Você é também um brincalhão. Fernando Pessoa escreveu-me a agradecer em 26 de Junho de 1929. Foi a sua primeira carta; escreveu-me umas 40. A primeira e a última são manuscritas. As outras são à máquina. Coincidência? Curiosidade?

Mestre obrigatório

— Tanto Camões como Fernando Pessoa esgotaram as possibilidades da língua portuguesa. Assim se explica este fenómeno de aridez actual. Não há, não pode haver, discípulos. Houve uma época, a da Távola Redonda, que foi um pós-fernandismo. Um prolongamento dele, mas a academização do poeta. A todos eles então — Couto Viana, David Mourão-Ferreira, Fernanda Botelho, Fernando Lemos, Alberto de Lacerda, outros de que não me lembro agora — Fernando Pessoa deu a possibilidade de o glosarem em forma de poesia.

— Mas não foi, de certo modo, importante? Eram leitores activos de Pessoa.

— Hoje nem isso, provavelmente isso não é possível.

— Você lê às vezes F.P., assim como se lê poesia, sem compromisso, porque chove, porque...

— Raramente o faço: pela mesma razão que me libertei de alguns amores escrevendo sobre eles; depois dos textos publicados, os amores desvanecem-se. Assim a minha paixão pessoana. Dêtel-a fora depois de escrever sobre ele. Libertei-me.

— Divã de processo psicanalítico?

— Foi. Agora escrevo sobre Pessoa porque me obrigam. Estive em 14 cidades do Brasil e disse-o claramente. Ficaram surpreendidos. Nesses colóquios tomaram tudo tão a sério, sobretudo os heterónimos, que pareciam crianças a brincar como quem faz de conta que agora és o Álvaro de Campos e eu sou o Alberto Caeiro... Ora, eu não posso colaborar nisso porque em 1930, quando quis interpretar F.P., ele disse-me: Eu só sei mentir. Com um traumatismo destes nunca se sabe quando está a mentir. É ingénuo levá-lo a sério.

(Não será também ingénuo não o levar a sério?)

Fim da literatura?

(A casa lentamente escurece. As pinturas dos amigos, de Vieira da Silva, observam-nos. Falamos de coisas que não são para publicar nos jornais, nem literários. Falta talvez uma chávena de chá. Isto não é censura. Falta sempre alguma coisa.)

— Depois deste cinquentenário, já não sei o que resta para o centenário. Já cá não estou. Mas estão a esgotá-lo completamente.

— Depende.

— Depende da recuperação da literatura portuguesa.

— No fim deste século, não é de esperar já muito da literatura.

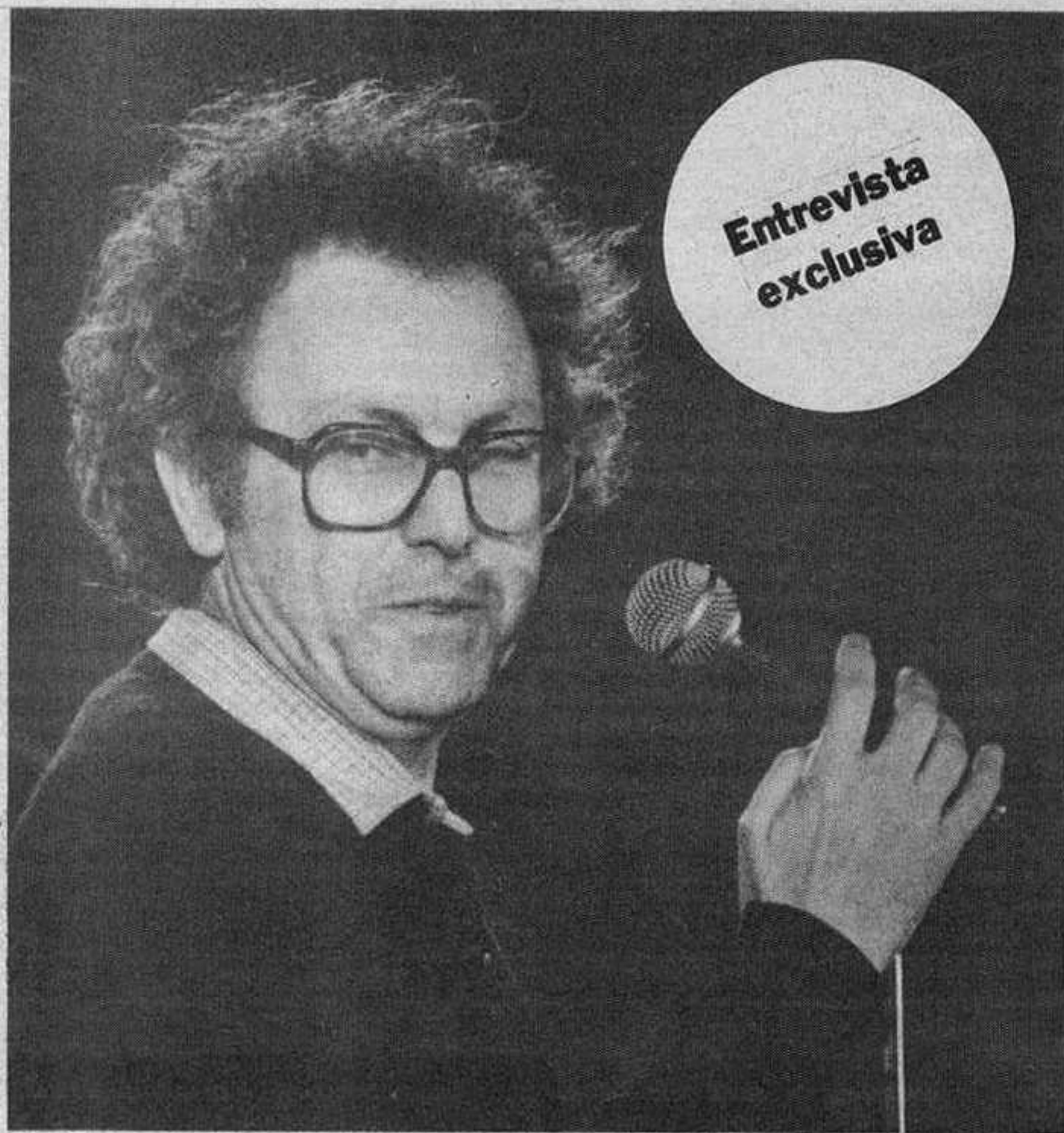
— Bom, para alguns eu já sou um espírito do século XIX, de modo que não faço conjecturas sobre o futuro...

(Silêncio. Depois)

— Mas o homem só se salva enquanto puder exprimir-se como homem, como espírito. Custa-me a crer que a poesia desapareça, apesar da grande evolução técnica. O que é facto é que a poesia já dura há muitos séculos. Não pode desaparecer por completo, pode é aparecer transformada. Contudo, à partida, não acredito na capacidade de revitalização da literatura. É um facto, vê-se, é um fenómeno palpável, não sou eu que estou desvitalizado, é a literatura.

(Penso: Pessoa não será afinal um heterónimo, de mais um, oculto, ocultíssimo? E na origem de tantas coisas, hoje públicas, talvez de mais, como a penetração da luz violadora na câmara escura com imagens ainda por revelar, não estará, no fundo, a nossa sede de poesia como uma porta para... Bom, o encontro de hoje tem o autor de Mensagem também na sua consciência.)

José Afonso



O novo disco «Galinhas do Mato» e a sua posição sobre a política actual incluindo as eleições presidenciais

4.ª feira no

se7e